

## O homem é cada vez mais improvável? O fim do mundo segundo Vergílio Ferreira

**Jorge Costa Lopes**

*Universidade do Porto - ILC*

**Resumo:** O nosso ensaio pretende elaborar uma reflexão sobre o fim do mundo na obra literária de Vergílio Ferreira. Privilegiamos, para o efeito, um tríptico romanesco em que são mais evidentes as cores apocalípticas nos seus quadros narrativos: *Alegria Breve*, *Nítido Nulo* e *Signo Sinal*. Nestes romances o arquiprotagonista vergiliano vive um tempo de crise sem fim à vista, contrapondo porém a esse cenário escatológico a serenidade heideggeriana. Mas, perdida a esperança de o filho fundar uma nova cidade, o homem é cada vez mais improvável, pelo que é chegado o momento de o arquiprotagonista criar, no chamado “último Vergílio”, a sua *Solaris* privativa, isto é, a *solarística* ou *ciência da palavra* que lhe dá acesso ao seu planeta imaginário. Através dessa *ciência* recupera o seu amor maior do que a vida, ou seja, a mulher morta no presente da escrita.

**Palavras-chave:** Vergílio Ferreira, *Alegria Breve*, *Nítido Nulo*, *Signo Sinal*, fim do mundo, serenidade

**Abstract:** Our essay aims to elaborate a reflection upon the end of the world as a matter in Vergílio Ferreira’s literary work. For this purpose, we highlight a triptych of novels in which the apocalyptic colors are more evident in their narrative frames: *Alegria Breve*, *Nítido Nulo* and *Signo Sinal*. In these novels, the vergilian archiprotagonist lives a time of crisis with no end, contrasting, however, this eschatological scenario with the Heideggerian serenity. But loses the hope of his son to ground a new city, humankind becomes more and more unlikely, so now comes the time for the archiprotagonist to create, in the so-called “last Vergílio”, his private *Solaris*, i.e, the *solaristic* or *science of the word* that gives him access to his imagined planet. Through this science regain his greater than life love, that is, the deceased woman in the present of the writing.

**Keywords:** Vergílio Ferreira, *Alegria Breve*, *Nítido Nulo*, *Signo Sinal*, end of the world, serenity

A esta hora do Fim a única música audível é um dobre de finados. Ressoa no esplendor das artes, nos gabinetes dos estudiosos da História, da filosofia, nos templos desertos excepto para o turismo mesmo religioso e no mais. Mas vê se consegues dar conta de uma flor aberta, da luz, de um pássaro irresponsável a cantar. E sorri.

(Ferreira 2001: 120)

## I

Começamos pelas mais recentes notícias sobre o fim do mundo: “Milionários estão a gastar fortunas com medo do fim do mundo”<sup>1</sup> e “Como os milionários se preparam para o fim do mundo”<sup>2</sup>. Ora, no filme *2012* de Roland Emmerich<sup>3</sup> uma *tribo* similar do nosso *esplendor do caos* (Eduardo Lourenço) supõe ter ouro suficiente para adquirir o selo divino e marcar o grupo restrito de eleitos que supostamente sobreviverão ao Apocalipse. São reflexões como esta de Jean Baudrillard que provocam, aliás, a angústia aos *nostros* candidatos a Rei Midas: “a morte é talvez a única coisa sem valor de uso, nunca remete para a necessidade, o que a pode transformar numa arma absoluta” (1997: 90).

Daqui passamos para uma entrada do diário de Vergílio Ferreira, datada de 16 de agosto de 1984, que regista outras notícias, igualmente alarmantes, mas, convenhamos, menos surpreendentes:

Como pensar ainda em cultura, arte, figurações da vida humana num tempo que é só de morte? Como abrir o espaço do nosso repouso espiritual, dos projectos e realizações de uma comunidade de homens vivos, quando o espaço que se lhes abre é o de um campo de cadáveres? Em certos instantes ilumina-me a evidência de que somos palhaços de nós próprios, bobos para o riso do destino, seres infantis na inconsciência que nos ameaça. *Um fim do mundo acelera-se não na disposição das forças cósmicas mas das da loucura humana. Os noticiários de cada hora só têm para nos entreter o gosto do terrível e do macabro, os desastres de guerra que alastra por toda a parte.*

Nós estamos dependentes de um breve gesto de distração, do capricho ou da loucura que nos reconduzam a Terra à sua condição primitiva de planeta deserto. Nós jogamos xadrez, como no poema de Pessoa, enquanto à volta a destruição se aperta sobre nós<sup>4</sup>. A cultura é uma aposta no homem e no futuro. *Nós não temos futuro e o homem é cada vez mais improvável*. (Ferreira 1986a: 314, itál. nosso)

Consideremos, desde logo, que as páginas desta *Conta-Corrente* e dos livros de reflexões, *Pensar* e *Escrever*, trazem uma evidente marca daquilo a que podemos chamar o sentimento trágico e escatológico do autor; o mesmo é dizer que são recorrentes os fragmentos sobre a crise da condição humana e o fim de uma civilização ou de um mundo, como lemos igualmente neste excerto:

Mundo da desagregação, da arte em farrapos, da política em ruínas, da religião sem fé como lareira sem fogo, da moral incompreensível e amoralidade normalizada, do fútil e efémero, do presente rápido sem futuro nem passado, dos filhos sem pais que não tiveram tempo para isso, do lixo, do estrume, da grande manta de caca a envolver e preencher tudo quanto foi um dia o lugar de se ser homem em arte, em cultura, em tudo o que foi razão de o ser. (Ferreira 1993b: 166)

Na realidade, temos por vezes a impressão de que para Vergílio Ferreira a destruição dos valores milenares do homem, provocada pela crise da religião, da arte, da política e das relações sociais, coloca-nos muito próximos do fim de um mundo ou do fim do homem como o conhecemos desde, pelo menos, a Grécia Antiga. O *carpe diem* horaciano parece, assim, integrar uma das atitudes possíveis face aos ventos de destruição que sopram no presente:

É a palavra de ordem para o homem de hoje. Destruir. Tudo. Os deuses, as artes, diferenças culturais, ou a só cultura, diferenças sexuais, diferenças literárias ou a só literatura que leva hoje tudo, valores de qualquer espécie, filosofias, o simples pensamento, a simples palavra – tudo alegremente ao caixote. (...) É tempo de cair um pedregulho como o que acabou com os dinossauros há sessenta milhões de anos e de poder dar-se a hipótese de a vida recomeçar. Até que venha outra vez a destruição e Deus definitivamente se farte do brinquedo. Entretanto vê se vê ainda alguma flor ao natural e demora-te um pouco a admirar-lhe a beleza e estupidez. (Ferreira 2001: 152-153)

Estas e outras reflexões aproximam-se desta longa e escatológica lista de Jacques Derrida:

o fim da história, o fim da luta de classes, o fim da filosofia, a morte de Deus, o fim das religiões, o fim do cristianismo e da moral (isto, esta foi a ingenuidade maior), o fim do sujeito, o fim do homem, o fim do Ocidente, o fim de Édipo, o fim da Terra, *Apocalypse now*, eu digo-vos, no cataclismo, no fogo, no sangue o sismo fundamental, o napalm que cai do céu por helicópteros, como as prostitutas, e também o fim da literatura, a arte como coisa do passado, o fim da psicanálise, o fim da universidade (1997: 43)<sup>5</sup>

Para Jean Baudrillard o fim do mundo já aconteceu, porque tudo, afinal, se passou e nós já não estamos neste mundo, mas num outro, onde o “advento do próprio virtual é o nosso apocalipse e priva-nos do acontecimento real do apocalipse” (1998: 35), o mesmo será dizer que o apocalipse está em todo o lado e em lado nenhum, ou, ainda nas suas palavras,

Acabou-se a subversão política, acabou-se a ‘libertação’ do desejo ou do inconsciente, nem tão-pouco existe já a hipóstase do significante nem sequer o *leitmotiv* utópico da alienação provida de uma subjetividade radical. Fim da metalinguagem, fim da metafísica, fim da metáfora em proveito do signo puro, do acontecimento puro. Porque tudo está realizado, já nada está no fim, tudo está já lá: ou seja, para além do fim. (*idem*: 139)

Heidegger, pelo seu lado, apontou para a possibilidade deste apocalipse em *Introdução à Metafísica*, ao diagnosticar o “declínio espiritual da terra” (1997: 46) e, sobretudo, “o obscurecimento do mundo, a fuga dos deuses, a destruição da terra, a massificação do homem, a suspeita odienta contra tudo o que é criador e livre” (*ibidem*), acrescentando, mais à frente, a “primazia do medíocre” (*idem*: 52), antes de colocar a seguinte questão: “Que significa mundo, quando falamos de um obscurecimento do mundo?” (*ibidem*)<sup>6</sup>.

Nas imediações da reflexão de Baudrillard, Eduardo Lourenço considera que somos já sobreviventes do fim do mundo inaugurado em Hiroshima. Para o ensaísta português, este “tempo de Hiroshima”, como lhe chama, é o “do *big bang* às avessas, não o de um começo infinitamente aberto, mas de um fim apenas humanamente diferido” (2002: 99). Os Estados Unidos da América abriram, naquele dia 6 de agosto de 1945, as

portas de um outro tempo ou tempo novo, o do apocalipse real e impensável, fora da história. Por isso ao passar meio século do lançamento da bomba atômica, os americanos “não puderam comemorar-se como actores do mais sinistro e irreversível *western* da sua história” (*idem*: 101). Os japoneses, povo de samurais outrora invencíveis, logo sentiram necessidade de esquecer e reconstruir a cidade. Eduardo Lourenço considera, contudo, que deveriam “tê-la conservado assim, arrasada, como Cartago pelos novos romanos, insuportável à vista e intolerável para o coração” (*idem*: 102). Não concordamos com o autor de *O Esplendor do Caos*, pois os japoneses evitaram, afinal, algo mais insuportável do que contemplar as ruínas da cidade arrasada: as hordas de turistas que inevitavelmente fariam hoje de Hiroshima uma atração festiva. Ainda de acordo com a perspectiva escatológica lourenciana, não “admira que nesta atmosfera de ‘fim do mundo’ ou promessa de outro em relação ao qual nós temos já a consciência de ser meros ‘mutantes’ um pouco por toda a parte renasça uma religiosidade ou uma misticidade futurante que parecia sem futuro” (Lourenço 2001: 40-41).

Apesar de o homem ser cada vez mais improvável (Vergílio Ferreira), apesar do *apocalypse now* (Derrida), de estarmos para lá do fim (Baudrillard), em pleno “declínio espiritual da terra” (Heidegger) ou de sermos meros mutantes que vivem numa atmosfera de fim do mundo (Eduardo Lourenço), descobrimos a esperança nestes versos do poema “Patmos” de Hölderlin: “onde está o perigo, cresce / Também o que nos salva” (Hölderlin 1991: 407). Mesmo que seja coisa “terrível de ver como pra aqui e pra além / Infinitamente dispersa Deus o que vive.” (*idem*: 415).

Ora de acordo com Alexandre Franco de Sá, que cita estes versos de Hölderlin,

O pensar de Heidegger em torno da essência da técnica moderna consiste não num pensar do fim do mundo, mas num pensar de um ‘outro início’. (...) Ao deter-se diante do fim, tornando-se assim meditação, o pensar de Heidegger é essencialmente marcado pela abertura a um ‘vindouro’, a um *Zu-künftiges*, que surge, diante da história do abandono do ser que constitui a história do primeiro início deste mesmo ser, como um ‘outro’ início. (2007: 250-251)

## II

Regressando ao apocalipse derridiano, Luís Mourão anota que o “pensamento actual está possuído pela obsessão do fim” (1990: 93), pelo que Vergílio Ferreira não se podia abstrair desta “problemática do fim” (*ibidem*), ainda que sob uma ótica “algo sinuosa” (*ibidem*). O ensaísta refere-se especificamente à oscilação do autor de *Signo Sinal* entre um tom apocalíptico e “a serenidade de quem vê que está tudo ainda por fazer” (*ibidem*). Estamos plenamente de acordo com esta análise que nos dá, segundo entendemos, uma das chaves da reflexão vergiliana sobre a destruição do mundo. Na realidade, o ponto de vista do autor de *Aparição* em relação à crise civilizacional e ao consequente pessimismo sobre o futuro do homem contém uma evidente conexão com a serenidade, tal como o *Apocalipse de S. João* se inscreve numa dicotomia que inclui o bem e o mal, o justo e o réprobo, a salvação e a condenação, a violência e a tranquilidade, o céu e o inferno, Deus e o Diabo.

A dicotomia vergiliana<sup>7</sup> estabelece, deste modo, um diálogo com o apocalipse bíblico e as reflexões de Heidegger assinaladas na conferência que deu origem ao ensaio intitulado *Serenidade*, onde se confrontam o pensamento que calcula e o pensamento que medita, o primeiro associado ao “mundo técnico” (Heidegger 2000: 23) e o segundo ao tranquilo habitar entre a terra e o céu. Para o filósofo alemão, ainda não “reflectimos que se prepare aqui, com os meios tecnológicos, uma agressão à vida e à natureza humana, comparada com a qual a bomba de hidrogénio pouco significa” (*idem*: 21). Deste modo, o que o inquieta não é a técnica invadir o mundo do homem, mas o homem “não estar preparado para esta transformação do mundo” (*ibidem*). O mesmo sucederá, acrescentamos nós, na “aldeia eterna” do arquiprotagonista vergiliano de *Alegria Breve* e *Signo Sinal*. A serenidade não abdica do mistério e do enraizamento para se encontrar com a essência do homem. Dessa maneira, a reflexão alcança a serenidade e impede que o homem renegue o que “tem de mais próprio, ou seja, o facto de ser um ser que reflecte” (*idem*: 26).

Ora o fim do mundo ou “mundo do fim” (Cunha 2000: 80) vergiliano surge, desde logo, embora em moldes embrionários, no romance de estreia, *O Caminho Fica Longe*, mais concretamente num poema do seu protagonista e *alter ego* do autor, Rui Antunes,

onde são visíveis, nos últimos versos, os quadros escatológicos dos romances futuros de Vergílio Ferreira:

*Se ao menos viesse a noite  
com seu manto de bondade  
e ocultasse a estrada negra  
por onde correm os homens  
naquela esperança inútil  
da Fonte Miraculosa  
e Encoberta...  
Mas não.  
Quando a noite descer,  
de todos esses mundos restarão apenas  
montões de carne podre  
que fedem... (Ferreira 1943: 201)*

Na última noite que Alberto Soares, narrador-protagonista de *Aparição*, dorme na casa do Alto, em Évora, observa uma “queimada” numa “vasta extensão de terreno” (Ferreira 2004: 268) e relaciona-a com a destruição da *sua* cidade do Homem que não resistiu, afirmamos nós, às trágicas mortes do Bailote, da pequena Cristina e, sobretudo, de Sofia, assassinada por Carolino, aluno do narrador. O incêndio e a aparição a negro de Carolino – que representa, de algum modo, o papel do anjo caído – testemunham, desta maneira, o malogro da revelação existencial que Alberto Soares pretendia trazer à cidade cercada de muralhas. Há, então, que recomeçar tudo de novo e erguer a sua Jerusalém sem Deus nem deuses noutra local. Enquanto no romance *Nítido Nulo*, Jorge Andrade assistiu a um filme intitulado *A Cidade Morta* – que parece apontar, desde logo, para o malogro da esperança de Alberto Soares, aqui transmudada em “esperança inútil”<sup>8</sup> –, do qual apenas se recorda, no presente da escrita, da música de fundo. É uma música com o mesmo título do filme que divide a plateia e o mundo em réprobos e eleitos. A trompete desta música anuncia ainda a trombeta do *Apocalipse* de S. João:

Era de um compositor americano – Fokland? Suponhamos. Havia uma orquestra e uma trompete cortava-a de alto a baixo, cortava a plateia, dividia o mundo. E separava decerto para um lado os réprobos e para o outro os eleitos (...) Dentro em breve serei o nada de antes de nascer. Entre um

nada e outro estará a memória do que sou e será nada também. (...) A morte só é terrível quando a vemos da vida, quando entre nós e o seu nada há um tudo a perder. (...) A paixão é a vida. E decerto por isso, ao anúncio de uma trombeta final, toque a silêncio, coalhado de angústia ouço-o na solidão da noite (...). E foi só o que me restou do filme, para a cidade morta, música do fim. (Ferreira 1989: 57-58)

Maria Joaquina Nobre Júlio destaca neste episódio o fantástico associado ao teratológico e ao monstruoso (1996: 94-95). Para a mesma ensaísta, a cidade-símbolo de *Nítido Nulo* é palco, em conjunto com a aldeia de *Alegria Breve* e de *Signo Sinal*, da “destruição universal” (*idem*: 95). Estamos, então, no terreno intertextual do *Apocalipse* de S. João, onde lemos que, a seguir à prisão do Dragão (isto é, de Satanás), foram

abertos livros; depois foi aberto um outro livro: o da Vida; os mortos foram, então, julgados segundo o que foi escrito nos livros, cada um segundo as suas obras. O mar restituiu os mortos que havia nele<sup>9</sup>; a Morte e o Inferno entregaram os mortos que guardavam e cada um foi julgado segundo as suas obras. (...) E quem não estava inscrito no livro da Vida, foi precipitado no lago de fogo. (Ap 20:12-13 e 20:15)

A cidade morta de *Nítido Nulo* – não a do filme, mas a que Jorge Andrade percorre na companhia dos sete músicos que abandonam o ecrã de cinema, como sucederá com o arqueólogo, interpretado por Jeff Daniels, em *A Rosa Púrpura do Cairo* de Woody Allen (1985) – tem uma tinta similar à do indicado quadro bíblico, embora o narrador discorde, por vezes com uma nota irónica, do livro da Vida e do juízo final nele incluído:

E a todo o espaço de luzes, cidade morta, como círios as luzes, cadáver abandonado à noite, um milhão de cadáveres. Insepultos, o cheiro cresce podre<sup>10</sup>, um vómito na garganta. Como no fim de uma batalha, que batalha? Porque a guerra continua. Amontoados na podridão comum, à trombeta do juízo final separar-se-ão na fronteira da justiça, mas não sei bem de que justiça. Porque cada juízo final é um juízo provisório diante do outro juízo final que há-de ser provisório. E os mortos não podem nunca defender-se, mesmo que necessitados. Perderam a capacidade de invenção, só sabem repetir-se. (Ferreira 1989: 60)

Além da trompete que atravessa, em *Leitmotiv*, a narrativa de *Nítido Nulo* e que sobressai, como assinalámos, na banda sonora do filme *A Cidade Morta*, relevamos também os quatro pregadores que irrompem, cada um deles, em diferentes fases da vida



de Jorge Andrade. O discurso deste quarteto parodia, quase sempre, o texto bíblico, embora professando uma espécie de evangelho às avessas. Assim, o pregador que se encontra com o narrador-protagonista, no tempo da Faculdade, diz-nos que é chegada a hora do Não<sup>11</sup>, pelo que, se alguém disser que fornicar é pecado, a resposta deve ser não, porque “dos fornicadores é o reino dos céus” (Ferreira 1989: 78). E prossegue: “Queimai os livros todos, porque a verdade ainda não foi escrita e dos novos ignorantes é o reino dos céus” (*idem*: 79). Ele traz, efetivamente, uma outra verdade à terra dos homens e assegura que pecar é não desobedecer à Grande Lei, apesar de se socorrer ironicamente de uma matriz lexical semelhante à da Lei que recusa, ao inverter-lhe os seus dogmas: “– Em verdade vos digo que a cólera da justiça vai abrasar toda a terra. E a terra será pura outra vez e o homem poderá então construir a sua morada” (*ibidem*).

Sobre a destruição do mundo no imaginário vergiliano, escreve Maria Joaquina Nobre Júlio:

A dissolução e a morte do mundo não se dão, nos romances de Vergílio Ferreira, repentinamente. Elas vêm sendo preparadas, anunciadas progressivamente, de narrativa para narrativa, até a morte surgir, como fenómeno cósmico, em *Alegria Breve* e *Signo Sinal*, no simbolismo universal das duas aldeias destruídas (1996: 92)

Na realidade, para o autor de *Para Sempre* estão “em crise todas as religiões, todos os sistemas políticos e morais, todas as aventuras da Arte” (Ferreira 1991: 288), mas, acrescentamos nós, enquanto o sonho do homem e “a sua continuidade na aventura da vida” (*ibidem*) conduzirem a esperança no caminho de um mundo novo, como sobressai nos romances citados por Maria Joaquina Nobre Júlio, o homem sobrevive à morte de Deus, mantendo a sua probabilidade e contrariando o exposto no fragmento de *Conta-Corrente* transcrito no início do nosso ensaio. De qualquer modo, como veremos, a serena melancolia do arquiprotagonista do “último Vergílio” perdeu pelo caminho a esperança de Alberto Soares e Jaime Faria na possibilidade de um homem novo.

Para A. Vaz da Mota, “fim do mundo, escatologia, novíssimos, vem tudo a significar o mesmo, ou seja, o fecho da história humana, o juízo final, a ressurreição dos mortos, o retorno de Cristo (*parusia*)” (AA.VV. 1984: 1057). Em *Alegria Breve* a *parusia* é substituída, assim, pela esperança na vinda no filho de Jaime Faria:

De qualquer forma, as revelações referentes à escatologia nunca poderão tomar-se como reportagens antecipadas de coisas que terão de acontecer mais tarde. São, antes, uma resposta ao olhar inquiridor que o homem, do momento histórico que está vivendo da salvação trazida por Cristo, lança ao desenlace definitivo da sua situação existencial, a fim de aí encontrar razões e ânimo para aceitar o presente como um futuro já secretamente actual (*idem*: 1058)

### III

Quando iniciamos a leitura de *Alegria Breve*, “Águeda, a mulher do narrador-personagem, está já morta e o mundo despovoado, como se o apocalipse se tivesse cumprido. A eterna aldeia de Vergílio Ferreira é uma aldeia não só exteriormente morta, mas espiritualmente morta”, escreve Eduardo Lourenço (1994: 126). No mesmo *incipit* o narrador-protagonista anuncia o seu programa existencial: “Do desastre universal, ergo-me enorme e tremendo” (Ferreira 1986b: 15). A alegria breve, como salienta o autor num documento preparatório deste romance, diz respeito à “esperança para o futuro”<sup>12</sup>, ou seja, na esperança da vinda do filho que Jaime Faria supostamente teve com Vanda, após falhar o projeto de Águeda de lhe dar um herdeiro. Porque, morto Deus – o telhado da igreja ruiu após o Padre Marques deixar a aldeia –, o homem terá de construir a sua morada, pelo que Jaime é “o Alfa e o Ómega, o Princípio e o Fim” (Ap 21: 6). E o seu filho terá necessariamente de vir um dia para criar “*um céu novo e uma terra nova*” (Ap 21: 1 Is. 65, 17):

Idos, mortos, desaparecidos – fiquei eu, alguém tinha de ficar. Um dia a terra será de novo habitada, um dia a vida será outra vez. Meu filho voltará – quem poderá voltar se ele não? – espero-o sempre. Dir-lhe-ei a palavra nova que me queima a boca, ele transmiti-la-á aos que vierem depois:

– Esquece tudo. Foi tudo um erro. Recomeça.

(...) O mundo tinha de morrer, e é só. Havia muita coisa a iludir-te. Um dia cairia a neve sobre a aldeia abandonada, e viria o sol para a dizer intacta e nula até ao mais remoto limite (Ferreira 1986b: 99)<sup>13</sup>

Mas no romance *Até ao Fim* é Flora – mãe sempre ausente do malgrado filho do narrador-protagonista e sem qualquer afeto maternal – que curiosamente anuncia: “Nós

temos de voltar ao princípio, Cláudio, nós temos de voltar a nascer. E a Grécia é o lugar próprio para isso” (Ferreira 1988: 130).

Segundo Roland Barthes, Lacan destacou o facto de “os verdadeiros ateus [serem] muito raros. Há sempre sagrado algures” (Lacan *apud* Barthes 1982: 271). Aforismo que se aproxima deste outro de *O Mito de Sísifo* de Albert Camus: “Até os homens sem evangelho têm o seu Monte das Oliveiras” (1949: 131)<sup>14</sup>. Ora, apesar do ateísmo inicial do arquiprotagonista vergiliano, substituído mais tarde pelo agnosticismo, o léxico bíblico e o sagrado imiscuem-se neste discurso de Jaime Faria, como se imiscuem em toda a ficção vergiliana. *A Bíblia* constitui, deste modo e em nossa opinião, um dos hipotextos principais, senão mesmo o principal, da ficção de Vergílio Ferreira:

clamo a morte do homem, anuncio a sua vinda – Natal. Choro meu de alegria, ó anjos da nova pura. Cântico dos anjos da anunciação, dos anjos das trevas e do desastre, os sinos bradam para o vazio do mundo. Virgindade do meu sangue, um Deus Menino vai nascer. Os deuses nascem sobre o sepulcro dos deuses. (Ferreira 1986b: 207)

Luís Barreto e o padre Marques são dois dos interlocutores privilegiados do narrador-protagonista de *Alegria Breve*. O primeiro esteve, no passado, na origem da *tecnificação* da aldeia como responsável pela exploração do volfrâmio. A desertificação atual é, aliás, o resultado do abandono das minas de volfrâmio. Mas onde o conflito de Jaime com Luís Barreto pode agudizar-se é na questão do filho de Vanda – mulher de Luís Barreto e amante de Jaime Faria. Assim, repovoar a aldeia e criar um mundo novo é a tarefa que este destina para o seu suposto filho biológico, enquanto para o engenheiro de minas o filho de sua mulher será o herdeiro e continuador do seu império económico. Porque, apesar de estéril, Luís Barreto possui, ironicamente, o dom de fazer nascer “dinheiro das pedras” (Ferreira 1986b: 119) com o seu toque, como o Rei Midas e certamente os milionários do século XXI da notícia atrás referida. Como vemos, estabelece-se aqui um confronto entre o intelectual (Jaime Faria) e o homem técnico (Luís Barreto), pelo que a escolha futura do filho de Vanda de ficar com o suposto pai biológico ou com Luís Barreto parece apontar para a escolha futura do próprio homem entre o pensamento e o conhecimento técnico-científico ou, na dicotomia heideggeriana

atrás mencionada, entre o pensamento que medita ou reflete e o pensamento que calcula.

O filho do narrador-protagonista de *Até ao Fim* possui, porém, outros planos e metamorfoseia-se numa espécie de Heróstrato<sup>15</sup>, como afirma no último diálogo tido com o pai:

Miguel disse: estamos fartos de palavreado, a acção directa

– Em nome de quê?

– Criar o remorso.

– Porque tu crias o motivo a partir do que fazes.

– Queimar a terra para semear.

[...]

– Uma náusea de tudo isto – disse ele – Só o preço é que dá o valor, não o contrário. (Ferreira 1988: 240-241)

Já chamamos a atenção para o diálogo de *Alegria Breve e Nítido Nulo* com o *Apocalipse de São João*. A que juntamos agora o romance *Signo Sinal* que inclui o registo de um “mosaico de citações da Escritura, em que predomina o tom apocalíptico”, como sinalizou Maria Joaquina Nobre Júlio (1996: 105) em relação ao discurso das três mulheres do capítulo XVII deste romance. A penetração do texto bíblico, neste episódio, traz ainda a marca da circularidade, pois a prédica deste alucinado trio feminino começa e acaba na imagem da eliminação do homem, retirada de *Génese*, 6:7: “E disse o Senhor: destruirei de sobre a face da Terra o homem que criei” (Ferreira 1979: 111 e 113).

“Que imagem de fim, de desolação e ruína? não da aldeia, de outra coisa imensa, pelo espaço de um universo vazio” (*idem*: 61) – interroga-se o narrador de *Signo Sinal*. Uma resposta possível a esta questão traz, afinal, a marca de um (im)possível tempo do fim do mundo:

Dentro de duzentos anos todos os biliões de seres humanos que há sobre a Terra estarão mortos. Dentro de alguns biliões acabarão os seres vivos. O Sol há-de apagar-se, as trevas envolverão o mundo para sempre. Um dia, no futuro, todo o Universo será morto. Mas este desafio lançado à morte. Uma aldeia arrasada, uma aldeia reconstruída, os deuses estremecem nos seus túmulos. (*idem*: 61)

Daniel, narrador-protagonista de *Na tua Face*, oferece uma outra versão do brevíssimo milagre da vida, antes do desaparecimento do homem e da própria Terra, sem qualquer parusia ou ressurreição possível:

Depois de biliões e biliões de milénios há um segundo em que apareceu a vida. E nesse segundo um instante mais rápido que o *flash* da Luz em que houve vida animal. Num milionésimo desse instante houve homens. E a certa altura tudo se apagou de novo e houve biliões e biliões de silêncio e de treva (...) depois há o silêncio sem fim de um astro morto que é a Terra. É assim. Que é que isto pode querer dizer? Um simples episódio que aconteceu passou acabou. (Ferreira 1995: 131)

A serenidade faz parte, todavia, da condição do narrador-protagonista de *Signo Sinal* no presente da escrita. O sismo que praticamente arrasou a aldeia não impede Luís Cunha de usufruir do encantamento e da pacificação de uma tarde quente de verão numa praia do Sul. E de manter a esperança no homem novo, desafiando os deuses mortos. Com a partida dos construtores do futuro, as obras ficam suspensas, assemelhando-se a aldeia, na sua incompletude, a “uma civilização perdida” (Ferreira 1979: 240). Mas Luís Cunha recupera, no *explicit*, a esperança na perfeição e no futuro: “Vou sair da aldeia, vou visitar a alegria. (...). Visitar a esperança. A perfeição” (*idem*: 241-242).

Nos romances indicados de Vergílio Ferreira encontramos ainda, além do texto bíblico, uma outra matriz intertextual: a que se relaciona com o mito de “Er, o Arménio, Panfílio de nascimento”, da *República* de Platão. Efetivamente, a viagem de Panfílio pelo reino dos mortos, na qualidade de “mensageiro, junto dos homens, das coisas do além” (Platão 2008: 485), foi referida, por Vergílio Ferreira, como integrando um “belo mito” (Ferreira 1993a: 212), sendo ainda sensível à liberdade das almas, segundo Panfílio, na escolha de uma vida nova.

#### IV

Segundo Paul Virilio não há, afinal, “o para além do homem. Nesse plano, o homem é terminal, ele é o fecho das maravilhas de Deus, como o diz Hildegarde de

Bingen. O homem não é o centro do mundo, ele é o fim do mundo” (2000: 94). Ora no ensaio *Invocação ao meu Corpo* – escrito em simultâneo com *Alegria Breve*, romance cujo projeto inicial apresenta uma espécie de osmose destes dois livros de géneros diferentes – o autor reflete, a determinado momento, sobre um outro fim do mundo, pessoal e intransmissível: o da despedida de cada homem da vida, a hora grave em que o corpo humano, onde tudo se passa, retorna à terra da sua condição: “É o fim da vida e do mundo, meu corpo, é a hora de me recolher a ti, à tua divina humildade, é a hora de te agradecer” (Ferreira 1994: 263)<sup>16</sup>. Este fim do mundo é, pois, o da morte de cada homem ou, regressando a Derrida, a morte daquele que amamos anuncia, afinal, “o fim do mundo na totalidade, o fim de todo o mundo possível, e de cada vez o fim do mundo como totalidade única, por conseguinte insubstituível e infinita” (2003: 9).

O fim do mundo de Vergílio Ferreira transmuda-se, assim, em *Alegria Breve*, *Nítido Nulo* e *Signo Sinal*, numa “epopeia de esperança”; só que, no lugar da Igreja e no retorno de Jesus Cristo (parusia), encontramos a Casa do Ser e a celebração da vida, esse “breve nada que é tudo” (Ferreira 1983: 227), como o autor gosta de nos lembrar.

O “último Vergílio” (por nós considerado a partir do romance *Para Sempre*) diz-nos porém que, instalada a crise do homem sem fim à vista e perdido o júbilo e a esperança na criação de um mundo novo pelo filho (a partir de *Nítido Nulo*), o arquiprotagonista procura a serenidade na companhia da mulher amada, real (Clara, no *explicit* de *Até ao Fim*) ou imaginária (*Para Sempre*, *Em Nome da Terra*, *Na tua Face* e *Cartas a Sandra*).

Não é, todavia, uma serenidade como a propugnada por Ângela, a mulher do protagonista de *Na tua Face*, na sua conferência integrada no ciclo ‘No Limiar do Milénio’ (“Muita conferência, uma semana delas, ouvi uma ou outra. A superpopulação. O costumeiro perigo nuclear. Futuro das ideologias. Nacionalismos e planetização (sic). Cultura e técnica. Crença, credence, milenarismo. Classicismo e o futuro – era a dela.” (Ferreira 1995: 115). A serenidade que Ângela assume ser a do homem futuro é inspirada na ataraxia<sup>17</sup> de Lucrecio<sup>18</sup>, ou seja, propõe a eliminação das paixões, dos deuses ou de Deus e da angústia do “ser-para-a-morte” no homem:

temos de saber que nada na Natureza é justo ou injusto. Que nada tem significado. Se houvesse justiça nenhum animal matava outro para subsistir. Não morreriam crianças indefesas. Não

haveria catástrofes na Natureza. O homem de amanhã será um homem natural, limpo de todas as ilusões e tranquilo. (*idem*: 118-119).

Apesar de tranquilo, o arqui-protagonista dos romances do “último Vergílio” não elimina a paixão nem o questionamento da morte. E substitui Deus pela Grande Ordem, como lemos em *Para Sempre*. E agora que o mundo “já não é capaz de oferecer nada, nem tão-pouco o ‘ser-aí com’ de outros” (Heidegger 1994: 207), resta ao mesmo arqui-protagonista a sua *solarística*, isto é, a *ciência da palavra* que concebe o seu planeta imaginário ou *Solaris* particular, onde volta a ter a companhia do seu amor maior do que a vida, ou seja, a mulher morta no presente da escrita. E seja o homem uma hipótese improvável, seja uma “paixão inútil” (Sartre) ou absurda, a vida terá sempre, todavia, razão no romance e no pensamento vergilianos:

A única matéria que me excita é o próprio homem e tudo o que respeita ao seu destino. Não os seus mecanismos do ser mas do ser vivo no que importa à sua profundidade e mistério e incrível da sua condição. Problemas ‘existenciais’, digamos, para mais depressa. Que outra coisa o nosso tempo nos permite? (Ferreira 1993b: 74)

A *solarística* vergiliana necessita, todavia, da música para auxiliar a palavra a *viajar* em direção à sua *Solaris*<sup>19</sup> privada. E se essa música é, quase sempre, uma balada de Coimbra, a realidade é que uma música dos Pink Floyd provoca no autor de *Para Sempre*, como lemos num fragmento do diário, uma imensa saudade do futuro, eliminando, assim, mesmo que temporariamente, a atmosfera pessimista e niilista das suas reflexões sobre a crise da condição humana e a destruição do mundo: “Ouço um disco dos Pink Floyd. É uma melancolia não de quem desistiu e se sentou, mas a de quem se não levantou ainda. Tenho uma saudade imensa do mundo que vai nascer.” (Ferreira 1981a: 155).

Outra coisa, em conclusão, não nos diz a palingenesia destas palavras do narrador-protagonista de *Até ao Fim*: “O universo vai começar, ouço-o no estrondar intenso das águas, como não ser eu aí no começo de mim? E o aroma intenso à vida fertilidade, o mar sabe a voz primordial. (...) A vida inteira dentro de mim.” (Ferreira 1988: 227 e 254).

## Bibliografia

AA.VV. (1984), *Novo Testamento*, 3.<sup>a</sup> ed., trad. e notas de António de Brito Cardoso, índices de A. Vaz da Mota, Braga, Editorial Franciscana.

Barthes, Roland (1982), *O Grão da Voz*, trad. de Teresa Meneses e Alexandre Melo, Lisboa, Edições 70.

Baudrillard, Jean (1997), *A Troca Simbólica e a Morte II*, trad. João Gama, Lisboa, Edições 70.

-- (1998), *O Paroxista Indiferente*, trad. Clara Pimentel, Lisboa, Edições 70.

Camus, Albert (1949), *Le Mythe de Sisyphe*, 36.<sup>a</sup> ed., Paris, Gallimard.

Cunha, Carlos M.F. da (2000), *Os Mundos (Im)possíveis de Vergílio Ferreira*, Lisboa, Difel.

Derrida, Jacques, *De um Tom Apocalíptico Adoptado Há Pouco em Filosofia* (1997), Lisboa, Vega.

--, *Chaque Fois Unique, La Fin du Monde* (2003), Paris, Galilée.

Eiras, Pedro, *Constelações 2 – Ensaios Comparatistas* (2016), Porto, ILCML e Edições Afrontamento.

Ferreira, Vergílio (1943), *O Caminho Fica Longe*, Lisboa, Editorial Inquérito.

-- (1979), *Signo Sinal*, Amadora, Livraria Bertrand.

-- (1981a), *UEA – Um Escritor Apresenta-se*, ed. Maria da Glória Padrão, Lisboa, INCM.

-- (1981b) *Conta-Corrente 1*, 2.<sup>a</sup>ed., Amadora, Livraria Bertrand.

-- (1981c), *Conta-Corrente 2*, 2.<sup>a</sup> ed., Amadora, Livraria Bertrand.

-- (1983), *Conta-Corrente 3*, Amadora, Livraria Bertrand.

-- (1986a), *Conta-Corrente 4*, Bertrand Editora.

-- (1986b), *Alegria Breve*, Lisboa, Amigos do Livro /TV Guia.

-- (1988), *Até ao Fim*, Lisboa, Círculo de Leitores.

-- (1989), *Nítido Nulo*, Lisboa, Círculo de Leitores.



- (1991), *Espaço do Invisível 2*, 2.<sup>a</sup> ed., Venda Nova, Bertrand Editora.
- (1993a), *Espaço do Invisível 3*, 2.<sup>a</sup>ed., Venda Nova, Bertrand Editora.
- (1993b), *Conta-Corrente Nova Série II*, Venda Nova, Bertrand Editora.
- (1994), *Invocação ao Meu Corpo*, 3.<sup>a</sup> ed., Venda Nova, Bertrand Editora.
- (1995), *Na tua Face*, Lisboa, Círculo de Leitores.
- (2001), *Escrever*, 2.<sup>a</sup> ed., ed. Helder Godinho, Chiado, Bertrand Editora.
- (2004), *Aparição*, 73.<sup>a</sup> ed., Lisboa, Bertrand Editora.

Heidegger, Martin, *El Ser y el Tiempo* (1994), trad. José Gaos, 8.<sup>a</sup> reimp., Fondo de Cultura Económica.

-- (1997), *Introdução à Metafísica* (1997), trad. Mário Matos / Bernhard Sylla, Instituto Piaget.

-- (2000), *Serenidade*, trad. Maria Madalena Andrade e Olga Santos, Instituto Piaget.

Hölderlin, *Poemas* (1991), trad. Paulo Quintela, Lisboa, Relógio d'Água.

Júlio, Maria Joaquina Nobre (1996), *O Discurso de Vergílio Ferreira como Questionação de Deus*, Lisboa, Edições Colibri.

Laso, J.L. Gavilanes (1989), *Vergílio Ferreira – Espaço Simbólico e Metafísico*, Lisboa, Publicações Dom Quixote.

Lourenço, Eduardo (1994), *O Canto do Signo*, Lisboa, Editorial Presença.

-- (2001), *A Europa Desencantada – Para uma mitologia europeia*, Lisboa, Gradiva.

-- (2002), *Esplendor do Caos*, 4.<sup>a</sup> ed., Lisboa, Gradiva.

Lucrecio, *Da Natureza das Coisas* (2015), trad. Luís Manuel Gaspar Cerqueira, Lisboa, Relógio d'Água.

Mourão, Luís (1990), *Conta-Corrente 6 – Ensaio sobre o Diário de Vergílio Ferreira*, Câmara Municipal de Sintra.

Pereira, Maria Helena da Rocha, *Estudos de História da Cultura Clássica* (1990), 2.<sup>a</sup> ed., Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.

Platão, *A República* (2008), trad. Maria Helena da Rocha Pereira, 11.<sup>a</sup> ed., Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.

Sá, Alexandre Franco de (2007), “Heidegger e o fim do mundo”, *Phainomenon - Revista de Fenomenologia do Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa*, nº 14, primavera de 2007, 241-253.

Virilio, Paul (2000), *Cibermundo: A Política do Pior*, trad. Francisco Marques, Lisboa, Teorema.

**Jorge Costa Lopes** é Doutorado em Estudos Literários, Culturais e Interartísticos pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto. A sua dissertação, com o apoio de uma bolsa de estudos da Fundação Calouste Gulbenkian, incidiu sobre *As Vozes do Silêncio – As Marginalia de Vergílio Ferreira nos livros de Fernando Pessoa, Clarice Lispector e Eduardo Lourenço*. Em 2014 venceu o Prémio Literário Vergílio Ferreira, na categoria de ensaio, da Câmara Municipal de Gouveia, com o trabalho *Sobre o Riso e o Cómico em Vergílio Ferreira*, publicado, nesse ano, pela Âncora Editores. Foi o vencedor do Prémio Ensaio/Revelação de 2005 da APE/DGLB com *As Polémicas de Vergílio Ferreira*, editado em 2010 pela Difel. Organizou e prefaciou a antologia de crónicas e contos de Beldemónio, pseudónimo de Eduardo de Barros Lobo (1857-1893), *Jornal de Um Artista*, editada em 2008. Tem participado em várias conferências e publicado, em diferentes periódicos, artigos e recensões.

## NOTAS

---

<sup>1</sup> <<http://www.tvi24.iol.pt/acredite-se-quiser/silicon-valley/milionarios-estao-a-gastar-fortunas-com-medo-do-fim-do-mundo>> (último acesso em 06.03.2017).

<sup>2</sup> <<http://www.jornaleconomico.sapo.pt/noticias/como-milionarios-preparam-fim-do-mundo-119594>> (último acesso em 06.03.2017).

<sup>3</sup> Megaprodução que, segundo Pedro Eiras, “pode ser descrita através da (...) má-fé inconsciente” (2016: 238), destacando, mais à frente, que os bilhetes para ingresso nas naves, construídas para a fuga à destruição do planeta terrestre “foram vendidos a preço de ouro” (*idem*: 239). Os sobreviventes seriam, assim, quase todos milionários, o que não virá a suceder no final do filme, no consuetudinário *happy end* destas megaproduções hollywoodescas.

<sup>4</sup> Para o projeto de *Signo Sinal*, Vergílio Ferreira destaca precisamente este poema do heterónimo pessoano: “Apetecia-me uma história como a que conta Pessoa sobre os ‘jogadores de xadrez’ que imperturbavelmente continuam a sua partida enquanto à volta há, salvo erro, um cerco – é na Pérsia? – com mortos, tumultos” (Ferreira 1981b: 196).

<sup>5</sup> Podemos salientar, contudo, que o escritor português não pertence ao círculo dos mais dedicados leitores do autor de *Margens da Filosofia*, apesar de considerá-lo o “filósofo mais terrível do nosso tempo. O termo ‘desconstruir’ é a chave da sua filosofia e do nosso destino. Derrida destruiu-nos (destruiu?) o último reduto do pensamento. Crise civilizacional” (Ferreira 1981c: 65). De qualquer modo, no verso de um documento preparatório do romance *Para Sempre* (com a cota E31/432) anota que se inspirou em Derrida para a construção do discurso do professor de filosofia ou linguística de Sandra, na aula a que o narrador-protagonista assiste no capítulo XXIV deste romance: “49 – Derrida (numa aula universitária: a palavra, a a-teologia etc)”.

<sup>6</sup> Para o filósofo alemão, o “mundo é sempre um mundo *espiritual*. O animal não tem um mundo nem um circum-ambiente, um circum-mundo (*Umwelt*). O obscurecimento do mundo inclui em si uma *despotenciação do espírito*, a sua dissolução, o seu definhamento” (Heidegger 1997: 52-53).

<sup>7</sup> Gavilanes Laso destaca, em *Alegria Breve*, precisamente as “dicotomias de catástrofe e reconstrução, de recordação e visão de futuro, de nada e esperança, etc. Daí o processo cíclico de morte e renovação” (1989: 329).

<sup>8</sup> “uma trompeta passava em cima, imensa, brilhando palidamente, desdobrando como um lençol, sobre a cidade morta, o seu vasto augúrio – silêncio.” (Ferreira 1989: 222). *Nítido Nulo* é, na realidade, o mais niilista dos romances de Vergílio Ferreira. Não surpreende, por esse motivo, que registe, simbolicamente e em nosso entendimento, a morte da cidade do homem que Alberto Soares pretendia construir. O mesmo em relação à morte da esperança na vinda redentora do filho de *Alegria Breve* que se irá revelar um malogro em *Nítido Nulo*.

---

<sup>9</sup> Na visão alucinada de Jorge Andrade, o mar surge repleto de milhões de cadáveres em mais um quadro apocalíptico vergiliano: “Na areia pálida, as sombras, a praia está deserta, uma frialdade coalhada, os meus pensamentos descem à escuridão dos mortos. Vejo-os, aliás, flutuar agora, cadáveres nus e de bruços, crescem aos montões multiplicam-se na extensão fria das águas. São milhares, milhões de cadáveres, acostados uns aos outros, o dorso esbranquiçado mergulhando, emergindo, balouçando devagar a todo o horizonte marinho. Arrastados decerto por todos os rios do mundo como troncos de árvores de uma floresta, flutuam plácidos, de bruços, as águas gordas da sua massa, flutuam lentos à luz pálida da tarde” (Ferreira 1989: 254).

<sup>10</sup> Recordemos os “montes de carne podre / que fedem...” do poema, atrás citado, de Rui Antunes em *O Caminho Fica Longe*.

<sup>11</sup> “Ora o homem fundamental é o que diz ‘não’, como é dos livros – nada mais nos coube, que é que havia de fazer? Mas dizer ‘não’ é prodigioso, o gado humano não sabe. Dizer ‘não’ é abrir um espaço para o homem se pôr de pé” (Ferreira 1989: 117).

<sup>12</sup> Com a cota E31/290. O documento manuscrito diz o seguinte: “*Alegria Breve / Tema geral*. A crise de hoje em: a) política; b) arte; c) amor; d) religião e: *a pequena esperança para o futuro* (a alegria breve)”.

<sup>13</sup> “Quanto a um próximo romance meu [*Alegria Breve*], o seu ‘tema’, ou o que nele me é obsessão, é a crise imensa do nosso tempo (talvez mesmo crise de ‘liquidação’) e a invencível certeza de que, apesar de tudo isso, o homem continuará...” (Ferreira 1981a: 357), salientou Vergílio Ferreira numa entrevista recolhida por Maria da Glória Padrão.

<sup>14</sup> A edição que seguimos é a que se encontra na Biblioteca Municipal Vergílio Ferreira de Gouveia e integrada no espólio bibliográfico doado pelos herdeiros do autor de *Alegria Breve*. O leitor Vergílio Ferreira não sublinhou, porém, e contrariamente a inúmeros outros excertos deste livro, o por nós citado.

<sup>15</sup> Vd. o nosso ensaio “Anjo guerreiro, arcanjo vencido ou Heróstrato moderno? – O jovem em Vergílio Ferreira” in *Cadernos de Literatura Comparada* n.º 29 (2013), *Margens & Periferias. Perspetivas de Inclusão*: 165-188; < <http://ilc-cadernos.com/index.php/cadernos/article/view/331/310>> (último acesso em 06.03.2017).

<sup>16</sup> Porque, como assinala a personagem Amadeu em *Alegria Breve*, agora “temos de nos bastar a nós próprios. Ora bem: o homem começa e acaba no seu corpo” (Ferreira 1986: 118). Ou, de acordo com esta entrada do diário: “Mas um homem que morre é o *último* homem que morre, como aquele que nasce é o *primeiro*. Todo o destino do universo se resolve assim em cada vida humana. Quando a espécie findar, o último homem de então será igual ao que morre hoje, quando a espécie se continua. E todavia, não o *sabemos*” (Ferreira 1981b: 393).

<sup>17</sup> Maria Helena da Rocha Pereira observa que a moral de Lucrecio é “quietista, utilitarista e individualista” (1990: 102). Deste modo, a sua ataraxia ou “ausência de perturbação” (*ibidem*) é diferente da dos estoicos,

---

que designava “um estado de espírito que se alcançava por via oposta – o domínio de si mesmo e a contenção.” (*ibidem*). Ora é esta a ataraxia, praticada por Horácio, do arquioprotagonista do “último Vergílio”, e não a de Ângela de *Na tua Face*, personagem em que é notória e, por vezes, quase excessiva, a “ausência de perturbação” defendida pelo *seu* filósofo.

<sup>18</sup> A destruição da Terra também foi objeto de reflexão do filósofo latino, como verificamos nestes versos: “E não escapa ao meu espírito quão grande e surpreendente novidade / é para a mente a ideia de que há-de haver uma destruição do céu e da terra / nem quão difícil é para mim convencer-te disso com palavras / (...) tu mesmo verás tudo ser abalado em segundos, / com o surgimento de fortes tremores de terra. / Tal coisa afaste para longe de nós a Fortuna que tudo governa, / e que seja antes a razão e não a própria coisa a persuadir-nos / de que o universo pode desabar, vencido, com um horrísono fragor.” (Lucrecio 2015: V, 96-110).

<sup>19</sup> Vergílio Ferreira substituiu, no romance *Para Sempre*, o topónimo Coimbra pelo imaginário Solária ou Soeira. Parece-nos, assim, evidente a similitude entre o nome do planeta do livro de Stanisław Lem, bem como dos filmes de Andrei Tarkovski (1972), que Vergílio Ferreira viu, mas não apreciou por aí além, e de Steven Soderbergh (2002), e aquele da cidade estudantil do romance do escritor português.